

Lições de nossa História

HISTÓRIAS DE NOSSA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO (1890-1905)



Madre Saint-Félix Maynard

Ir. Kathleen Connell, RSCM

LIÇÕES DE NOSSA HISTÓRIA

HISTÓRIAS DE NOSSA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO (1890-1905)

**Palestra proferida às Irmãs da Província Brasileira
por Irmã Kathleen Connell
2 de novembro de 2012**

INTRODUÇÃO:

Estou muito feliz por estar de volta e de novo na reunião de vocês. Obrigada por convidar-me a partilhar mais histórias do quarto volume da nossa história: “Uma caminhada na Fé e no Tempo”.

Este volume foi começado pela Ir. Rosa do Carmo Sampaio, quando ainda trabalhava neste livro, no tempo em que atuava como Conselheira Geral, em Roma de 1995-1998.

Quando ela morreu, em 1998, seu inacabado manuscrito - escrito à mão – foi trabalhado por diversas Irmãs de diferentes Províncias, mas finalmente, ele voltou às minhas mãos para completá-lo. Esta tarefa foi um ato de amor e uma dívida que paguei com alegria.

Quando nos encontramos, há dois anos atrás, vocês me pediram para falar sobre o que havia acontecido, através do Instituto – especialmente em Portugal – em 1911, ano em que aconteceu a fundação do Instituto no Brasil.

O pedido de vocês, agora, é o de dar uma visão geral do assunto do volume quarto. Procurarei fazê-lo usando uma imagem sugerida pelas Irmãs de Moçambique na oração em preparação ao Capítulo Geral.

Cada pessoa, cada Congregação tem seus altos e baixos. Assim sendo, eu queria apresentar nossa história de 1859-1905 à luz deste mistério pascal de morte e de vida.

Imaginemos uma faixa de terra devastada, um deserto no qual, eventualmente, aparece uma montanha em declive, coberta por uma vegetação verde e uma floresta. No topo da montanha, o céu é azul, o sol é quente e a vista é espetacular. Porém, a descida do cimo da montanha é rápida e íngreme e reconduz à terra devastada, ao deserto.

Esta é a imagem que eu tenho do quarto volume de “Uma caminhada na Fé e no Tempo”. Os anos de 1890 (morte do Padre Gailhac), e 1904-1905 (segundo a Mère Saint Félix “annus horribilis”) marcam os pontos baixos, o deserto. O auge foi alcançado durante os anos de 1899-1901.

PRIMEIRO ESTÁGIO: O DESERTO (1890-1892)

O quarto volume começa com a morte do Padre Gailhac. Ela já era esperada. Entretanto, foi uma grande perda para o Instituto, especialmente para a Superiora Geral, Mère St. Félix Maynard. Durante o seu primeiro mandato, Gailhac estava sempre com ela dando-lhe orientações. As decisões nunca foram tomadas por ela, sozinha. Mère St. Félix viajava para as comunidades com ele, acompanhava-o a Fontfroide e cuidou dele até seus últimos dias. Agora, ele se foi...

Mère St. Félix escreveu uma carta circular às comunidades, descrevendo a morte do Padre Gailhac em grandes detalhes e, pela primeira vez, ela começou a partilhar com as Irmãs do Instituto seus sentimentos pessoais de isolamento, de esvaziamento, de solidão e de preocupações.

Ela era confortada pelas cartas de condolências que chegavam na Casa Mãe, vindas dos padres que se lembravam de Gailhac como diretor espiritual, confessor e modelo para a vida sacerdotal deles; cartas do povo de Béziers que, mesmo de longe, o reconheciam como um santo homem; cartas das religiosas de outras congregações – como por exemplo a da Madre Sacré-Coeur, abadessa do Mosteiro das Pobres Clarissas de Béziers, que começava sua carta assim: “Ele era um dos amigos mais próximos...”

A longa carta de condolências do Bispo de Montpellier mostra-nos quão grande foi a perda de Gailhac para a Diocese. O Bispo escreveu: “Por mais de 60 anos, o Padre Gailhac realizou, com grande zelo e devoção, todas as funções de sua vida sacerdotal”

O Bispo relembra especialmente a festa dos 50 anos da ordenação sacerdotal de Gailhac, em 1876, com a longa procissão dos órfãos, dos jovens da Colônia Agrícola, da presença dos vizinhos, das Oblatas, das RSCM, dos Padres e Irmãos do Bom Pastor, dos Padres e Bispos das diversas dioceses vizinhas, dos penitentes e amigos.

Ele mencionou as que não puderam comparecer, mas que também eram muito agradecidas ao Padre Gailhac: professores e alunos da Escola da Trindade; os Irmãos das Escolas Cristãs e seus alunos; as Irmãs das Pobres Clarissas. Todos eram parceiros nos trabalhos de Gailhac e o

Bispo acrescentou: “Se estes e todos os outros, que foram tão abençoados, consolados e encorajados pelo Padre Gailhac estivessem aqui, perto dele, mesmo a Casa Mãe teria sido muito pequena para acolhê-los, a todos” (Mgr. de Cabrières – 25 de janeiro de 1890)

Todas as RSCM das outras fundações enviaram imediatamente cartas assinadas, individualmente, por cada Irmã da comunidade. Essas cartas expressaram uma ambivalência. Há um clima de alegria, de confiança de que Gailhac já esteja com Deus e que seja um advogado permanente para a comunidade, mas há também um sentimento de vazio, de saudades de seu santo Fundador que não está mais pessoalmente entre as Irmãs.

Algumas Irmãs escrevem como se fosse diretamente a Gailhac, com um certo remorso por não terem correspondido, mais generosamente, aos seus conselhos. Agora, elas prometem ao Padre Gailhac que procurarão viver de maneira melhor, que seguirão, de todo o coração, os conselhos recebidos dele.

Para a Mère St. Félix, este foi um tempo para recapitular as instruções que ela recebera de Gailhac. Ele havia deixado o Instituto unido, no meio de uma rica diversidade de nacionalidades, línguas, países e trabalhos. Ela estava disposta a ser uma administradora fiel, não se desviando do espírito original, como o compreendia.

Durante seu período de luto, confortada pelo apoio daqueles que conheceram Gailhac e que gostariam de guardar sua memória viva, ela foi abrandando o seu sofrimento.

Sem dúvida, seu irmão Henri Victor Maynard, o último padre remanescente do Bom Pastor e que viveu com o Padre Gailhac, durante seus últimos anos, foi certamente um grande suporte para a Mère St. Félix.

Talvez o mais importante apoio, por ela recebido, deve ter sido do Abbé Jean Marie Léonard, abade do Mosteiro Cisterciense de Fontfroide. Ele e Gailhac partilharam de uma profunda e espiritual amizade. Como descreve a Mère St. Félix: “Eles se encontraram um no outro”.

O Abbé Jean continuou a rezar pelas RSCM e pela Mère St. Félix, em particular, assegurando-lhes seu interesse nas cartas que lhes escreveu ou

através do Padre Marie Xavier (que substituiu o Abbé Jean como prior no Mosteiro, após a morte dele, em 1895), ou do Padre Marie Etienne, que era um monge de Fontfroide.

Nos anos após a morte de Gailhac, estes dois monges visitaram Béziers, rezando no túmulo de Gailhac. Escreveram muitas e muitas cartas de apoio, felicitações, condolências e encorajamento para a Mère St. Félix e para a comunidade da Casa Mãe. As Irmãs e os monges pareciam experimentar uma forte união espiritual entre as suas Congregações, como consequência da união e da amizade de Gailhac com o Abbé Jean. O Padre Marie Etienne expressou esses sentimentos em uma de suas cartas: "As duas comunidades são irmãs. Mesmo não sendo uma e mesma família, elas têm um só coração e uma só alma" Esta forte empatia durou muito tempo apesar da diferença dos carismas e foi um grande suporte para a Mère St. Félix mesmo depois que os monges foram forçados a deixar Fontfroide e a França, em 1902.

Apesar dessas ajudas, a Mère St. Félix continuou a experimentar uma grande tristeza e solidão. Ela estava exausta. Seu sistema nervoso foi afetado, não somente por causa da ausência do Fundador, mas também por problemas financeiros, novos impostos exigidos pelo governo francês, as necessidades de reformas na Casa Mãe e o calor terrível do verão de Béziers.

Ao mesmo tempo, Mère St. Félix refletia sobre as recomendações, de que ela se lembrava, que Gailhac lhe havia feito, durante os anos de 1883 e 1885. Ela os guardava em um livro com o título: "Diversas notas que devem ser conservadas, cuidadosamente" Ela estava preocupada com uma das recomendações que dizia para não mudar nada na Regra, nem nos costumes, mas sim conservar o espírito primitivo em toda a sua integridade, sem mudar um ponto sequer.

Entretanto, ela sentia uma urgência conflitiva sobre a necessidade de que o Instituto caminhasse para frente. Mère St. Félix parecia incapaz de descansar um pouco do intenso trabalho, por causa do cansaço. Como poderia ela descansar e se recuperar e, ao mesmo tempo, permanecer fiel à sua missão.

Foi o seu Conselho, na Casa Mãe, que teve a ideia de que a Mère St. Félix poderia fazer o que Gailhac e ela costumavam a fazer, visitando as comunidades da Inglaterra e Irlanda, durante o verão. Ela poderia fazer

uma conferência para as Irmãs da comunidade, sobre as Constituições, falar-lhes em detalhe sobre a morte de Gailhac e dar a cada Irmã uma pequena lembrança do Fundador. Ela ficaria muitas semanas em cada comunidade, descansando e recuperando o equilíbrio antes de regressar à Casa Mãe com a saúde recuperada.

Isto, entretanto, era mais fácil de se dizer do que fazer. Em Seaforth teve que lidar com a comunidade que estava muito infeliz a respeito de sua superiora. Além disto, ela esperava resolver a rixa existente entre o Bispo de Liverpool e a superiora da comunidade.

Quando Mère St. Félix foi para a Irlanda a fim de visitar a comunidade de Lisburn, ela notou na comunidade uma preocupação que não era clara sobre a situação da superiora que havia recaído em seu recente vício. No entanto, quando a Mère St. Félix verificou que não havia despesas fora do normal nos livros de contabilidade da comunidade e ela presumiu que a suspeita que se levantava era infundada.

Somente quando a Mère St. Félix chegou à comunidade de Ferrybank é que ela começou a descansar. As crianças eram encantadoras e ela foi capaz de descansar e participar com prazer da vida da comunidade. As Irmãs da Casa Mãe convenceram-na a mudar seus planos e prolongar sua estadia em Ferrybank. Nada urgente a chamava de volta a Béziers que estava muito quente. “Fique aí muitas semanas a mais” suas Conselheiras lhe disseram.

As cartas das Conselheiras para a Mère St. Félix, especialmente as da Mère St. Charles, eram cheias, não de assuntos problemáticos, mas cheias de afeição e de boas notícias: sobre os vizinhos de Béziers, sobre os progressos nas renovações da Casa Mãe e sobre as férias das noviças.

Nas cartas, as Conselheiras comentavam sobre a situação das vinhas e falavam da data exata para o começo da colheita de uva, contavam quão experientes estavam as Irmãs no processo da fabricação do vinho, sabendo o seu momento exato e o processo da degustação do mesmo.

Assim sendo, a Mère St. Félix alterou sua rota de viagem, regressando a Seaforth ao sair de Ferrybank. Ele tinha melhorado seu estado de saúde e, com Bispo de Liverpool, chegaram a um acordo sobre a superiora de

Seaforth: Mère St. Eugène Granier. Esta seria chamada definitivamente para a Casa Mãe, durante o ano.

Um Capítulo Geral foi convocado na primavera de 1891. Não causou surpresa a ninguém o fato de que as 32 delegadas reelegessem a Mère St. Félix, com unanimidade para mais 12 anos como Superiora Geral. O tema do Capítulo foi “Unidade e Uniformidade” e foi uma profunda “uniformidade” que caracterizou os cinco Capítulos Gerais seguintes e os anos que se seguiram.

Logo depois do Capítulo Geral, Mère St. Félix passou o mês de junho de 1891 visitando as três comunidades portuguesas - Porto, Braga e Chaves – fazendo-lhes conferências sobre as Constituições, falando sobre a morte do Fundador e distribuindo simples lembrancinhas do Pe. Gailhac para cada Irmã, como lhes havia prometido.

No fim do verão de 1891, ela visitou de novo as comunidades da Inglaterra e Irlanda. Como tinha combinado, voltou à Casa Mãe com a Mère St. Eugène Granier, sobrinha de Gailhac, que tinha sido superiora da comunidade de Seaforth. Para ajudar melhorar a imagem de Mère St. Eugène nomeou-a imediatamente para o conselho administrativo da Casa Mãe.

Para completar suas visitas às fundações que existiam no momento, no Instituto, Mère St. Félix decidiu visitar Sag Harbor, fundação nos EUA, em junho de 1892, apesar da forte objeção do seu Conselho. Ela levou a Mère St. Eugène e outra Irmã com ela na travessia transatlântica. As três viajantes sofreram enjoos, durante toda a viagem. Esta foi a primeira visita de uma Superiora Geral, desde a fundação de Sag Harbor, há 15 anos atrás e as Irmãs ficaram profundamente comovidas. No entanto, a Mère St. Félix não ficou bem impressionada com o que viu.

Apesar de um convite anterior, uma segunda fundação não acontecera nos EUA, nos 15 anos desde a chegada das Irmãs nesse país. Não surgira nenhuma nova vocação. Por outro lado, a Superiora Geral ficou preocupada com a distância que separava essa comunidade da Superiora da Casa Mãe. No entanto, o novo Bispo de Brooklyn estava muito entusiasmado com a comunidade e havia viajado cem milhas do seu escritório para Sag Harbor para encontrar com as visitantes de Béziers. Elas, porém encurtaram sua permanência nos EUA, cancelaram a reunião marcada com o Bispo, no

seu escritório diocesano de Brooklyn e tomaram um navio que ia partir mais cedo, regressando à Casa Mãe para cuidar dos desenvolvimentos do Instituto na Europa.

SEGUNDO ESTÁGIO: O DECLIVE DA MONTANHA VERDEJANTE – (1892-1899)

Recentemente nós recebemos a oração para o Capítulo Geral, no mês de novembro, preparada por nossas Irmãs de Moçambique. Tem como tema: “Diga aos filhos de Israel quer avancem...” Parece ter sido esta a mensagem que, eventualmente a Mère St. Félix ouviu porque, no verão de 1892, o Instituto finalmente avançou “viajando no nosso próprio deserto” para plantar fundações como árvores verdes de esperança. Em alguns casos, a iniciativa para essas fundações foi tomada por outras pessoas e fomos convidadas a colaborar na construção de seus sonhos. O primeiro sinal de esperança apareceu em Portugal, logo depois da Mère St. Félix voltar de Sag Harbor, no verão de 1892.

Três pessoas: dois sacerdotes e uma senhora leiga chamada D. Eduarda Augusta fizeram juntos um plano para reavivar a fé adormecida do povo da sua cidade de Viseu. Eles estavam convictos de que o melhor caminho para Evangelizar a cidade era abrir uma escola para meninas dirigida por religiosas, onde as estudantes, não somente seriam bem educadas em assuntos seculares mas também a fé seria reavivada em seus corações.

A esperança era que essas jovens evangelizassem suas famílias e, mais tarde, seus esposos e filhos. (Essa era também uma esperança que Gailhac alimentava para as alunas internas das Escolas SCM: que elas fossem agentes de evangelização para suas famílias.)

As RSCM foram convidadas para começar uma fundação em Viseu, em julho de 1892. O Conselho Geral, sabiamente, escolheu como Superiora da Comunidade Mère Ma. da Eucharistia de Lencastre, uma mulher que acabara de fazer os votos perpétuos, com uma profunda formação espiritual, qualidades de liderança e pertencente a uma família bem conhecida e respeitada na região de Viseu.

No começo, houve alguma resistência a essa fundação. Poucas famílias colocaram suas filhas na nova escola até que D. Eduarda Augusta começou, muito publicamente, a caminhar levando sua neta até a escola, toda manhã e, trazendo-a de volta, cada tarde, até os vizinhos ficarem curiosos e também matricularem seus próprios filhos na escola das Irmãs.

Em duas ocasiões a Mère Ma. da Eucharistia e a D. Eduarda Augusta convidaram a Rainha de Portugal para visitar a nova escola com seus próprios filhos, os dois Príncipes.

Sem dúvida, algumas jovens de Viseu devem ter sido enviadas à escola, inicialmente por razões errôneas, mas todas foram ensinadas, pela comunidade, a amar a Deus e a fazê-Lo conhecido e amado por suas famílias.

A preocupação da Mère St. Félix foi, gradualmente, crescendo em relação às expectativas das Irmãs francesas” do Instituto. Ela sentiu a responsabilidade de procurar abrir novas fundações na França, mas esse plano não foi bem sucedido, durante o tempo de Gailhac.

O Conselho Geral começou a pesquisar sobre áreas da França onde a fé era sólida e havia possibilidades de vocações, mesmo que não fossem numerosas. O Conselho procurou também áreas onde o Bispo da localidade pudesse acolher uma fundação. Neste sentido, o Bispo de Montpellier se mostrou muito colaborativo para intermediar junto a outro Bispo, em nome do Instituto.

No seu esforço de começar outra fundação francesa, Mère St. Félix escreveu aos Bispos de Mende, Grenoble e Tarbe, mas eles se recusaram a dar autorização para novas fundações em suas dioceses. Finalmente, o Bispo de Bonnet, da diocese de Viviers, em Ardèche, região da França, aceitou a oferta do Conselho Geral das RSCM e escolheu a cidade de Vallon para a implantação de um Orfanato. A fundação começou em julho de 1893. Na mesma época, duas irmãs idosas, as senhoras Deloche, puseram à venda uma antiga e bem estabelecida Escola com internato, em Bourg de Péage, na diocese de Valence, França. Elas ofereceram o patrimônio às RSCM.

Passaram-se vários meses e foram escritas inúmeras cartas antes que os termos da negociação pudessem ser decididos em relação a essa fundação. O Bispo e os Padres dessa diocese sentiam grande admiração e gratidão

para com as irmãs Deloche, pelos muitos anos de serviço na diocese. Eles ficaram relutantes em dar a impressão de que estavam favorecendo uma nova congregação (as RSCM).

Sem um convite do Bispo as RSCM não poderiam assumir a escola. Foi com grande relutância que o Bispo aprovou que as RSCM assumissem uma Escola Católica, no lugar da Escola das irmãs Deloche.

Assim, duas fundações francesas – uma boa escola em Bourg de Péage (perto da cidade de Romans) e um orfanato em Vallon (Ardèche) - começaram suas atividades no mesmo mês, em julho de 1893.

Durante os quatro anos seguintes, grandes extensões de terreno, nas proximidades de Vallon e Bourg de Péage, foram adquiridas e os prédios originais foram ampliados grandemente. Especialmente a Escola de Bourg de Péage era muito grande e bonita e a Mère St. Félix admitiu que mantinha grandes expectativas para esta Escola que, eventualmente, havia iniciado suas atividades na primavera de 1897 com uma comunidade de dezesseis irmãs. Um ano antes da abertura desta escola, o Capítulo Geral de 1896, havia aprovado uma completa renovação na Escola de Viseu.

O florescimento do Instituto não se limitou à França e Portugal. Em 1897, ano em que a Rainha Vitória celebrou seus 60 anos, como Rainha da Inglaterra, um novo prédio foi construído em Castle Street, em Lisburn e uma nova fundação aconteceu em Barrow-in-Furness, no mês de outubro.

Exatamente dois anos mais tarde, com o pedido de Thomas Whiteside, o novo Bispo de Liverpool, as Irmãs de Seaforth foram convidadas a começar uma escola industrial para meninas abandonadas e delinquentes em Blackbrook, na Inglaterra. A superiora de Seaforth descreveu o pedido do Bispo numa carta para a Casa Mãe, datada em 15 de março de 1898:

“Essas crianças, entre dois e quatorze anos, são pobres e abandonadas em Liverpool. São colocadas em antros de pecados e de miséria, em muitos casos. Como disse o Bispo: Se a sua Reverenda Madre conhecesse como e onde elas são recolhidas, ela não hesitaria nem um minuto. Nós podemos salvar as pessoas e fazer com que o governo pague isto. Nosso Venerado Pai estaria cheio de alegria com a possibilidade de salvar essas pessoas

tão queridas por Deus e, quem sabe, ele pediu a Deus para que isto fosse realizado pelo Instituto, que ele fundou”.

O CUME – (1899-1901)

Tendo feito cinco novas fundações em sete anos, o Instituto estava se aproximando do cume, de 1899 e 1901.

Destacarei apenas três acontecimentos que foram momentos de alegria e celebração e que marcaram este tão curto espaço de tempo:

1- A aprovação final das Constituições foi efetivada em 24 de fevereiro de 1899, exatamente 50 anos depois da fundação do Instituto. A aprovação das Constituições foi a terceira e última barreira que impedia que o Instituto recebesse a aprovação final, pela Igreja. Em 1891 a Mère St. Félix se dedicou inteiramente à tarefa de alcançar esta meta. Ela sabia que a aprovação seria uma necessidade crucial para as fundações das RSCM, nos países estrangeiros e que era também necessário para levantar o entusiasmo das Irmãs. Após quatro tentativas anteriores – em 1873, 1879, 1892 e 1898 – o texto provisório das Constituições, submetido pelo Instituto ao Vaticano, foi aprovado sem o costumeiro “animadversions”, isto é, as correções exigidas.

As Irmãs ficaram muito alegres quando receberam essa notícia. Agora, em qualquer parte do mundo para onde fossem enviadas, seriam aceitas, mais facilmente. Tendo as Constituições aprovadas pela Santa Sé, elas não seriam dependentes dos Bispos locais. Com a aprovação das Constituições, o Instituto poderia celebrar seus 50 anos de existência com confiança e gratidão.

2- O Jubileu de ouro das RSCM foi celebrado na Casa Mãe nos dias 19 e 20 de setembro de 1899. A Missa solene começou precisamente às 10 horas sob a presidência do Bispo de Montpellier. Mère St. Félix fez uma descrição detalhada do acontecimento. Cerca de sessenta Padres participaram da solene procissão de entrada: - todo o clero de Béziers, alguns dos antigos Padres do Bom Pastor, amigos de Gailhac e, pela primeira vez, representantes das dioceses de Valence e Viviers. Eles ocuparam os seus lugares, formando um grande semi-círculo em volta do altar.

Também estavam presentes antigas alunas, amigos do Convento SCM, representantes de várias comunidades de Béziers, parentes da Mère St. Jean e do Padre Gailhac, as RSCM e religiosas de outras congregações. O coro era formado por membros da comunidade, pelo Noviciado, pelo Orfanato e por antigas alunas. Mère St. Félix julgou a música como significando “cantos inspiradores e como uma expressão de Fé”. Ela ficou especialmente comovida quando os Padres se uniram espontaneamente aos cânticos do coro.

À Missa, seguiu-se um almoço festivo com discursos e apresentações musicais.

As celebrações continuaram em Bayssan, no dia seguinte com a vizinhança, donos das vinhas, incluindo muitos convidados.

- 3- O terceiro motivo de alegria foi o Jubileu de Ouro de Mère St. Félix. Tendo feito a profissão com o primeiro grupo, a 4 de maio de 1851, agora, ela era a única sobrevivente. O Jubileu foi uma celebração simples, próprio da Mère St. Félix. Além da comunidade, os convidados de honra eram os órfãos, as jovens da Preservação, as alunas internas, algumas ex-alunas, alguns amigos e familiares.

Relatando o acontecimento, um jornalista local comentou: “Essa festa íntima foi marcada por um sentimento de simpatia e afeição para com a Mère St. Félix demonstrada por todas as suas filhas, pela presença das atuais e antigas alunas, ricas e pobres, que foram beneficiadas pela educação religiosa e instrução recebidas, seja no Internato ou no Orfanato.” Na opinião desse jornalista, entre todas as virtudes de Mère St. Félix – um modelo para suas filhas - a que mais a caracterizava era a sua “inteligência administrativa”.

As grande e belas construções feitas durante seus anos como Superiora Geral, deram suficientes provas disto. (L’Eclair – Journal Quotidien du Midi – 13 de maio de 1901)

UMA RÁPIDA DESCIDA DO CUME PARA O DESERTO (1900-1905)

Logo após o Instituto ter atingido o cume e concluído suas celebrações, parece que ele foi lançado para uma rápida descida, sacudido por perseguições vindas de forças internas e externas.

Selecionei alguns dos acontecimentos mais desafiadores, enfrentados pelo Instituto, durante esses anos de descida.

1900 – Mère St. Félix escreveu para a comunidade de Sag Harbor, exigindo que essa primeira e única fundação nos EUA (até então) fosse fechada, dentro de três meses e que a comunidade retornasse à Europa. Felizmente o Bispo local fez objeção a essa partida tão rápida e ela não mais aconteceu.

1901 – De novo começou a surgir uma perseguição religiosa em Portugal. As congregações religiosas foram obrigadas a obter uma aprovação do governo de seus estatutos para que pudessem continuar em funcionamento no país. Em consequência disso, as RSCM, em Portugal, trocaram seus hábitos religiosos por veste seculares.

1902 – Emílio Combes foi eleito Primeiro Ministro da França (1902-1905) com a finalidade de eliminar as congregações religiosas do País. Todas as congregações, não autorizadas foram obrigadas a deixar a França. As Irmãs Carmelitas, que foram orientadas por Gailhac e os Monges de Fontfroide foram forçados a irem para a Espanha.

1903 – Os trabalhos das congregações, não autorizados, foram confiscados. A comunidade de Bourg de Péage foi obrigada a fechar a nova Escola e retornar a Béziers (mês de julho) e o governo confiscou a propriedade. O Orfanato de Vallon foi autorizado a continuar suas atividades porque não era considerado uma escola, mas sim uma Obra de Caridade. Logo depois, todas as obras de educadores – homens e mulheres, mesmo aquelas que tinham sido autorizadas pelo governo – foram forçadas a sair da França.

Felizmente, as RSCM não foram atingidas por essas leis porque não eram consideradas de uma Congregação Educadora, mas esta possuía uma variedade de trabalhos de caridade, além de ensino.

Março de 1904 – Mère St. Félix pediu permissão para transferir a Casa Mãe para a Inglaterra se, por acaso a Casa Mãe, em Béziers, fosse tomada pelo governo e as Irmãs fossem expulsas da França.

Setembro de 1904 – Mère St. Félix pediu, desesperadamente, ao Cardeal Protetor que mudasse o capelão e confessor da Casa Mãe. Ela estava receiosa de que o espírito do Instituto estivesse desaparecendo e que, em breve, não haveria mais nada do espírito deixado por Gailhac. Este capelão, Padre Rome, durante nove anos havia, progressivamente, minado a autoridade da Superiora Geral e se apossado da direção da comunidade da Casa Mãe, Mère St. Félix recorreu ao Cardeal Protetor em Roma já que o Bispo local tinha se recusado substituir o capelão.

Outubro de 1904 – A pedido das Superiores portuguesas e dos Bispos de Portugal, a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares promulgou um decreto dando ordem para ser criada uma Província Portuguesa e Mère Maria da Eucharistia de Lencastre foi designada Provincial, pela Santa Sé, sem nenhuma consulta à Superiora Geral.

Novembro de 1904 – O Presidente da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares de Roma escreveu uma carta para a Mère St. Félix na qual ele a acusava de impedir a criação da Província Portuguesa. Mère St. Félix respondeu ao Cardeal uma importante e forte carta defendendo-se, a si mesma. Ela protestou dizendo que havia sido acusada sem saber o porquê e fora condenada sem ter sido ouvida. Insistiu com o Cardeal para que ele defendesse a sua reputação. Ela escreveu: “Isto me tornou muito triste. Deixar uma memória manchada num Instituto que ela havia visto nascer, sendo uma das suas primeiras religiosas. Um Instituto no qual ela havia se dedicado durante 59 anos, assumindo grandes responsabilidades com um zelo infatigável.” Mère St. Félix queria um pedido de desculpas e a restituição de sua reputação.

Em que terra devastada o Instituto havia entrado! Em que deserto as RSCM haviam caído! O sofrimento, no fim do mandato de Mère St. Félix, foi um calvário! O Capítulo Geral de 1905 refletiu sobre essa situação desesperadora e ordenou uma extrema uniformidade em todo o Instituto.

EPÍLOGO – (1905-1926)

Eu poderia terminar o quarto volume da série “Uma caminhada na Fé e no Tempo” neste deserto. Porém, não quero ignorar, totalmente, os vinte e um anos em que a Mère Sainte Constance Farret serviu ao Instituto como Superiora Geral, depois da Mère St. Félix.

É imperativo mostrar como, apesar das revoluções e guerras, as RSCM caminharam com um grande espírito de resiliência.

O Internato da Casa Mãe foi fechado pelo governo francês em 1906, mas poucos meses depois, todo o grupo das alunas se transferiu para o Bom Pastor com um novo nome e sob a nova direção de uma diretora leiga.

As Irmãs não foram obrigadas a deixar os Estados Unidos. Ao contrário, entre os anos de 1902 e 1909 as Irmãs começaram três Escolas Paroquiais e uma pequena Academia. Em 1907 iniciaram Marymount, em Tarrytown, com um movimento de retiros para mulheres leigas, durante o verão.

Surgiu, rapidamente, uma rede de Escolas Marymount em Nova York, Califórnia e Europa.

A propriedade perto das docas em Seaforth foi requisitada pelo governo Inglês, mas, em compensação, a indenização foi suficiente para cobrir todas as dívidas e construir um magnífico prédio para a nova Escola aberta em Seafield, em 1908.

No mesmo ano, as Oblatas de Maria pediram para se tornarem membros das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e dezenove delas foram bem vindas como membros pleno do Instituto, em 1909.

Da destruição provocada pela Revolução Portuguesa de 1910, surgiram as fundações no Brasil: Ubá e Rio de Janeiro. Também foi aberta uma casa em Tuy, na Espanha. Eventualmente, surgiram novas fundações pós-revolução, em Portugal.

Uma nova fundação começou no norte da França, em Cambrai, em 1913. Apesar de o Exército Alemão ter requisitado a Escola, durante a Primeira Guerra Mundial e a comunidade ter sido evacuada, indo para a Bélgica, a comunidade retornou a Cambrai em 1919 e aí ficou nos últimos cem anos.

Também os horrores e a violência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) exigiram uma resposta extraordinária das RSCM da Casa Mãe que transformaram a ala do Orfanato num hospital para mais de 100 soldados franceses feridos nas trincheiras.

Eu estou começando a pensar que devo substituir a imagem de desertos, de cumes, de perigosas descidas pela imagem de simplesmente uma estrada normal onde se caminha com Deus, onde altos e baixos, perseguições e sucessos, morte e ressurreição não significam “bons tempos” ou “maus tempos”, mas são situações normais a serem esperadas. Elas são inseparáveis da vida de Cristo. “Será que o Messias não devia sofrer tudo isto para entrar na sua glória?” (Lc 24,26)

Nossas Irmãs de Moçambique que prepararam a oração para o Capítulo no mês de novembro, deram-nos uma mensagem:

“Digam aos filhos de Israel que avancem” (Ex 14,1-14)

A oração delas continua: *“A oração tem o poder de aquecer nosso coração, impulsionar nossa caminhada para avançarmos sempre em direção a Deus... Sendo mulheres chamadas e escolhidas por Deus, de várias partes do mundo, formamos um só corpo para a missão.*

Nossa história como filhas chamadas e escolhidas por Deus – como foram nossas antecessoras nos séculos 19 e 20 – é um processo de caminhada, juntas, no mesmo caminho de crescimento, na transformação n’Ele e na transformação do mundo.

Ir. Kathleen Connell, RSCM

Ficha Técnica

Edição:

*Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2013*

Conselho Provincial:

*Ir. Ana Helena Andreão
Ir. Judith Caliman
Ir. Marília da Paz Bellini*

Autora:

Ir. Kathleen Connell, RSCM

Projeto Gráfico:

*Coordenação - Ir. Lúcia Pereira de Rezende
Diagramação e Capa - Lucienne do Carmo Félix Teixeira*

Impressão:

Centro Provincial - Edição de 50 exemplares



*Centro de Fontes
email: cfontes@rscmb.com.br*